

Universidade Gama Filho

Cristina Robles Garcia Bleker

**ESTUDO DO IMPACTO NEGATIVO E POSITIVO DA CEGUEIRA
SOBRE OS PERSONAGENS DO LIVRO “ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA” DE JOSÉ SARAMAGO**

São Paulo

2010

Cristina Robles Garcia Bleker

**ESTUDO DO IMPACTO NEGATIVO E POSITIVO DA CEGUEIRA
SOBRE OS PERSONAGENS DO LIVRO “ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA” DE JOSÉ SARAMAGO**

Cristina Robles Garcia Bleker

**ESTUDO DO IMPACTO NEGATIVO E POSITIVO DA CEGUEIRA
SOBRE OS PERSONAGENS DO LIVRO “ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA” DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia

Apresentada

à Universidade Gama Filho como requisito
parcial para obtenção do título de especialista
em Revisão de Texto.

Orientador: Marcelo Whately Paiva

Cristina Robles Garcia Bleker

**ESTUDO DO IMPACTO NEGATIVO E POSITIVO DA CEGUEIRA
SOBRE OS PERSONAGENS DO LIVRO “ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA” DE JOSÉ SARAMAGO**

Monografia julgada e

aprovada:

Prof. Orientador: Marcelo Whately Paiva

A meu esposo, Renato,

pelo apoio sincero.

A meus pais Celeste e Manuel e

meu filho Luiz Henrique.

Agradecimentos

Ao orientador Prof. Marcelo Whately Paiva

A todos os que direta ou indiretamente

contribuíram para a realização

desta pesquisa.

“Continua sempre o seu caminho porque as respostas virão no momento certo.

Jamais desanime.”

Frase dita por Chico Xavier em 1978 para

Ricardo Tadeu Marques da Fonseca (empossado em setembro de 2009 como desembargador do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná– primeiro juiz cego do Brasil)

RESUMO

Este trabalho incide sobre como se configura a cegueira no livro “Ensaio sobre a Cegueira” de José Saramago publicado em 1995, centrando a análise nas representações dos personagens do livro. Reflete acerca da dimensão dos personagens na dinâmica da narrativa, considerando não só o desenrolar da estória, mas também a questão da percepção e das sensibilidades de cada um envolvido na trama. Escrita como um romance, à medida que se discute um grupo social com dimensões e traços psicológicos diferentes, a obra permite o pensar. Ao considerar os limites entre civilização e o desmoronar completo da sociedade, pretende-se não só contribuir para o aprofundamento do estudo linguístico, mas abrir possibilidades outra no campo do estado de crise que se encontram as sociedades capitalistas atuais. O recorte proposto explica-se pelo fato de repensarmos o papel do ser humano em nossa sociedade.

Palavras chave: Cegueira, Violência, Caos e Solidariedade.

Sumário

1 – Introdução.....	p.	9
1.1 – Diferença entre Olhar e Ver.....	p.	9
1.2 – Identificando Personagens.....	p.	9
2 – Confinamento no Manicômio.....	p.	11
3 – Vivendo no Manicômio.....	p.	12
4 – Falta de Comida.....	p.	14
5 – Fora do Manicômio.....	p.	15
6 – Continuava a Falta de Comida.....	p.	16
7– Análise da Obra.....	p.	17
8 – A Cegueira sobre os Personagens do Livro.....	p.	19
9 – Impressões do Leitor.....	p.	21
10- Sobre José Saramago.....	p.	22
11- Refletindo sobre os Acontecimentos.....	p.	24
12- Considerações Finais.....	p.	25
13 -Referências Bibliográficas.....	p.	27

1 - Introdução

1.1 - Diferença entre Olhar e Ver

No início do livro “Ensaio sobre a Cegueira” do escritor José Saramago, temos como epígrafe a frase: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara. – Livro dos Conselhos.” Esta curta frase irá sutilmente durante o decorrer da trama dar sentido aos personagens encontrados no livro. Alguns irão apenas fazer uso da visão no sentido de percepção visual; enquanto outros irão reparar no outro ser humano, aprofundando a superficialidade da visão. Este passo é o que diferencia a civilização no tocante ao viver em sociedade.

1.2 - Identificando Personagens

O primeiro a ficar cego é um homem de 38 anos, que está dirigindo na cidade e impossibilitado de continuar na direção por si mesmo e também pelos demais condutores que buzina sem fim, pede que o levem até a porta do prédio onde morava. É acompanhado por um transeunte que se ofereceu para levá-lo à sua casa, prometendo estacionar o seu carro perto de sua residência. Ele descrevia o que sentia: “[...]é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco.” (SARAMAGO, 2008, p.13).

Sua esposa chega e diante da nova situação que afligia seu marido marca uma consulta com um oftalmologista. Ela foi procurar o carro para ir à consulta e não o encontrou, pegaram um táxi. Aquele homem que gentilmente o trouxe à sua casa, também foi capaz de roubá-lo.

Na espera do consultório, já é possível identificar alguns personagens do romance: um velho com uma venda preta num dos olhos, um rapazinho estrábico acompanhado pela mãe, uma rapariga nova de óculos escuros, entre outros.

O médico após realizar vários exames no homem que cegara, confirma a este que sua cegueira é inexplicável, recomenda a realização de exames e observação.

Segundo Saramago (2008, p. 25):

Ao oferecer-se para ajudar o cego, o homem que depois roubou o carro não tinha em mira, nesse momento preciso, qualquer intenção malévola, muito pelo contrário, o que ele fez não foi mais que obedecer àqueles sentimentos de generosidade e altruísmo que são, como toda a gente sabe, duas das melhores características do gênero humano.

E ao dirigir, sentindo-se à beira de um ataque de nervos, decidiu parar o carro e acalmar-se. Decorridos trinta passos, ele ficou cego. Um policial levou-o a casa.

No consultório, o velho de bom gênio foi o último paciente a ser atendido pelo médico, que ficou de marcar uma data para que operasse uma catarata.

A rapariga dos óculos escuros tinha uma conjuntivite simples, necessitando de um remédio e do uso de óculos escuros. Ao viver como deseja e tirar todo o prazer que quer, ia se encontrar com um cliente em um hotel. Após um momento de intenso prazer, ficou cega e foi levada à casa de seus pais por um policial.

O médico ao comentar com um colega sobre o homem que tinha perdido a visão: “[...] diz ele que vê tudo branco, uma espécie de brancura leitosa, espessa, que se lhe agarra aos olhos”.(SARAMAGO, 2008, p.28).

Em sua casa, foi procurar alguns livros que falassem sobre o assunto da cegueira e lembrou-se do que havia dito o homem que atendera no consultório e tinha ficado cego: “[...] O cego afirmara categoricamente que via, ressalve-se também o verbo, uma cor branca uniforme, densa, como se encontrasse mergulhado de olhos abertos num mar de leite.” (SARAMAGO, 2008, p.30)

Em seguida, o médico ficou cego. Não conseguiu dormir, preocupado estava em avisar as autoridades sanitárias sobre uma catástrofe nacional que de forma contagiosa estava ocorrendo. Após a comunicação por telefone e a confirmação de que mais duas pessoas ficaram cegas, além do rapaz atendido em consulta, o ministério decidiu que viriam buscá-lo. Sua esposa, apesar da alta possibilidade de ficar também cega, com muita calma fez uma mala de roupa e decidiu ir junto, dizendo estar cega também.

2 – Confinamento no Manicômio

O ministro havia decidido que seriam recolhidas e isoladas todas as pessoas que cegaram e as com suspeitas de contágio, porém estariam separadas em duas alas, evitando-se assim novo contágio. Pôs de quarentena num manicômio vazio que se encontrava a espera de que se lhe desse destino. Os primeiros a chegar foram o médico e a esposa, que queria ajudá-lo e pediu ao marido que não contasse a ninguém que ela não estava cega. Foram chegando os outros cegos juntos: o cego do automóvel, o ladrão que o roubou, a rapariga de olhos escuros e o menino estrábico. O médico percebeu que três eram seus pacientes. O quarto que era o ladrão apenas disse que andava na rua e cegou.

No alto-falante, uma voz dizia que o governo lamentava ter que isolar as pessoas, explicando ser a cegueira altamente contagiosa, designada como mal-branco, mas acreditava que seria um ato de solidariedade dos que estavam ali para com o resto de toda a comunidade. Foram dadas também, instruções a serem repetidas todos os dias: as luzes ficarão acesas; caso se tente abandonar o prédio sem autorização, isto significará morte imediata; existe um telefone para solicitar reposição de produtos de higiene e limpeza; cada um lavará suas roupas manualmente; recomenda-se eleição de responsáveis; serão depositadas caixas de comida três vezes ao dia; os restos deverão ser queimados nos pátios interiores e serão responsáveis por qualquer tipo de incêndio. Assim como em caso de morte, serão enterrados na cerca e não haverá qualquer auxílio exterior. Os que vierem a cegar devem ocupar a ala daqueles que já estão cegos. Em cada ala cabiam quarenta camas.

3 – Vivendo no Manicômio

Impossibilitado de suportar a sua fúria, o ladrão gritou que o homem do automóvel era o culpado por todos estarem ali. E de imediato, o primeiro cego defendeu-se dizendo que o ladrão levou-o a sua casa e aproveitando-se de sua situação, roubou seu carro, causando bastante desconforto a presença dos dois.

Como o garoto precisava urinar, decidiram todos irem procurar o banheiro. Em fila, o ladrão ficou atrás da moça de óculos escuros, colocou sua mão por baixo dos cabelos dela e a outra mão apalpando-lhe o seio. Ela, tentando escapar-se das mãos do outro, jogou sua perna atrás e o salto de seu sapato espetou a coxa do ladrão, ferindo-o.

A ferida sangrou muito, teve febre, sentia dores e desesperado por ser atendido, dirigiu-se à portaria, arrastando-se e um soldado disparou-lhe um tiro ao perceber sua aproximação. Tiveram de enterrá-lo. Vieram mais pessoas, entre elas estava a esposa do primeiro cego.

Continuaram a chegar outros cegos, vindos da ala ao lado. No entanto, a comida mal dava para alimentar todos, pois parecia que os de fora, não sabiam que as pessoas contagiadas passaram a ficar cegas e deslocavam-se da outra ala. Em pouco tempo, as camas ficaram todas ocupadas, pois vieram muitos de uma só vez, ocasionando atropelos e confusão.

Devido ao passar das horas sem a entrega de qualquer comida, alguns cegos decidiram esperar mais perto e os soldados ao perceberem a presença dos cegos dispararam tiros que os mataram. Preocupados com o possível contágio, os soldados passaram a deixar as caixas de comidas a meio caminho, no espaço entre o portão e a escada, e os cegos teriam de sair à cerca exterior para recolherem as caixas.

Em decorrência da dificuldade de saber quantos eram os ocupantes das alas, a divisão das caixas entre as alas revelou os mal-intencionados que alguns eram ao conseguirem receber comida duas vezes. Como ontem morreram nove cegos, alguns ficaram com medo de ir buscá-las, alguns mais atrevidos levaram para si.

Três dias de isolamento passaram-se.

Os internados puseram-se de acordo e decidiram que o mais justo seria dividir igualmente a comida entre as duas alas, alimentarem-se e em seguida, procurarem as caixas roubadas. Enquanto não houvesse respeito e disciplina, a divisão será mal feita, uns nada comeram e outros comeram em dobro. É necessário organização e que se estabeleçam regras de convivência.

De repente, duzentos cegos chegaram de uma só vez e aos empurrões tentavam ocupar qualquer espaço livre. Os contaminados resistiam à entrada dos novos ocupantes, mas um seguido do outro, todos foram ficando cegos. Entre os que chegaram, estava um velho com uma venda preta num dos olhos.

Totalizaram duzentos e quarenta cegos aproximadamente para serem alimentados.

4- Falta de Comida

A comida parou de chegar no horário regular e quando vinha, vinha em quantidade menor do que o número de pessoas que iriam comer.

O velho da venda preta num dos olhos trouxera um rádio e os que ocupavam a ala do médico, passaram a ouvir o que ocorria no mundo lá fora. A cegueira não tinha sido controlada, as pessoas não usavam mais carros, nem outros meios de transporte, em decorrência dos acidentes e o governo acabara.

Passavam alguns dias sem comer. Um grupo de cegos munido de cassetetes e pistola, recolheu a pouca comida que vinha e exigiu que só poderiam comer aqueles que pagassem com objetos de valor. Foram entregues todos os objetos recolhidos em troca da comida. Todos os cegos tornaram-se submissos a esse grupo.

Para fornecerem mais comida, quiseram novo pagamento em objetos de valor. E como não havia nada mais para ser entregue de valor, pediram as mulheres. Como todos tinham fome, as mulheres foram obrigadas a deitar com aqueles homens e voltaram humilhadas.

A mulher do médico de posse de uma tesoura, que havia guardado para si, matou o chefe.

Decididos a atacar o grupo dos malvados, os cegos bons iniciaram um combate, mas fracassaram.

Uma moça achou um isqueiro e pôs fogo nas camas. O manicômio pegou fogo. Muitos morreram, mas alguns escaparam. Lá fora, não havia mais o exército vigiando.

5 - Fora do Manicômio

O médico, a esposa do médico, o primeiro cego, a esposa do primeiro cego, a moça dos óculos escuros, o menino estrábico e o velho da venda preta num dos olhos sobreviveram e formaram um grupo. Decidiram viver lá fora e a mulher do médico contou que via.

Guiou-os até uma loja, deixou-os ali para que ela pudesse ir buscar comida. Voltou com alimentos de um supermercado e com um cachorro que a seguia. Comeram todos. Decidiram procurar roupas, sapatos e encontrarem suas casas.

A primeira casa a irem foi a da moça de óculos escuros. Não havia ninguém lá, apenas uma vizinha. Dormiram um dia lá. No outro dia, conforme iam andando, a mulher do médico ia narrando o caos que a cidade se tornara: fezes por todos os lados, as lojas tinham sido saqueadas, os mortos sendo comidos por cães, não havia luz e nem água encanada.

Foram até a casa do médico, tomaram banho, se trocaram, comeram e dormiram.

O primeiro cego e sua esposa quiseram ir até a casa onde viviam antes e foram com a mulher do médico. Um escritor e sua família tinham ocupado a casa deles. Voltaram para a residência do médico.

Num dia de chuva, tomaram banho e lavaram as roupas.

O médico quis ver o consultório onde trabalhava, Passaram depois pelo lar da moça de óculos escuros e encontraram a vizinha morta. A moça, preocupada com a possibilidade de que seus pais voltassem a casa, quis deixar um sinal de vida: cortou uma mecha de seu cabelo e a deixou no quadro de chaves.

6 - Continuava a Falta de Comida

Como a comida estava acabando, a mulher do médico decidiu voltar ao supermercado que tinha ido antes. Seu marido a acompanhou. Ao chegarem lá, encontraram o lugar transformado em cova para alguns mortos. Ela passou mal. Eles entraram numa igreja para que ela se recuperasse. Ela disse que no altar todas as imagens estavam com os olhos vendados.

Todos que ali estavam, assustaram-se e fugiram, deixando todos os seus pertences. Eles recolheram a comida esquecida pelos outros.

Voltaram a casa. A moça de óculos escuros e o velho da venda preta num dos olhos se enamoraram. O grupo alimentava-se e bebia do pouco que tinham numa verdadeira alegria pela vida. A esposa do médico lia para todos.

Numa dessas noites, o primeiro cego passou a ver. O país voltou a ver.

7 - Análise da Obra

José Saramago publica o romance “Ensaio sobre a Cegueira” em 1995. No mesmo ano, recebe o Prêmio Camões, o mais importante da literatura da língua portuguesa, pelo conjunto de sua obra. O livro foi traduzido para diversas línguas.

A obra mostra o que ocorre numa cidade quando a cegueira se abate sobre um homem dentro de seu carro e aos poucos se espalha para várias pessoas. Em efeito cascata, as pessoas tornam-se cegas. Acometidas por uma repentina cegueira, diferente e luminosa, seus olhos têm uma aparência normal. Os doentes contagiados pela cegueira são isolados, ficam em quarentena e as dificuldades em conviver com esta nova situação impõem novos comportamentos. O medo do contágio da cegueira mostra os dois lados do ser humano.

Como cada pessoa infectada percebe o mundo ao seu redor?

O comportamento de cada personagem do livro reflete a vontade de sobreviver fisicamente. Verificamos claramente situações de respeito e desrespeito ao próximo no decorrer da trama. A partir da decadência dos serviços de saúde disponibilizados pelo estado, as pessoas passam a reagir a seu modo.

Destacam-se como personagens principais: o médico, sua esposa, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, a moça de óculos escuros, o menino estrábico e o velho da venda preta num dos olhos. Este grupo ocupa a mesma camarata e consegue iluminar suas percepções.

A epidemia de cegueira passa a atingir toda a população, menos a esposa do médico que presta solidariedade aos demais cegos em todos os momentos. Ela age com bondade e preocupação primeiramente com o marido, logo seu comportamento se estende àqueles de convívio mais estrito.

É também Comte-Sponville (2005), quem afirma que a generosidade é o contrário do egoísmo, é fazer um benefício a outro sem interesse. Enquanto, solidariedade é a regulação inteligente e socialmente eficaz, é fazer um benefício a outro e isso lhe traz ao mesmo tempo um benefício. Moralmente, a generosidade é melhor, porque ela é desinteressada. Porém, do ponto de vista social, econômico, político e histórico é muito mais necessária, a solidariedade. É o caso dos seguros,

que todos pagam para proteger a si mesmo, mas com isso todos são protegidos. Este princípio vale para os impostos, seguridade social e sindicatos. É a verdadeira justiça social organizada pelo estado.

A mulher do médico mata o líder de um grupo adversário para preservar a si mesma e aos outros cegos. Ela foi a única que sempre viu. Mas para ela, eles sempre viam, mas sem enxergar de verdade. É através dos olhos dela que vemos o cenário de degradação em que a história se passa. Ela presencia visualmente todos os sentimentos que se desenrolam no livro.

Conforme Raz (2004), existem três importantes respostas que as pessoas podem dar a si mesmas e aos outros para a alegação de que tudo o que se deseja é viver. A primeira é a esperança de dar à vida um certo conteúdo. A segunda é a esperança de encontrar objetivos e apegos e a terceira é o simples prazer de viver.

A rapariga de óculos escuros que, no início, parecia não ter valores, revela-se amorosa com o menino estrábico, preocupada com seus pais voltarem à casa e não encontrá-la, amiga e capaz de amar.

Outro personagem importante na obra é o velho da venda num dos olhos. Ele representa aquele que possui sabedoria. A velhice lhe possibilita refletir sobre sua condição e dos demais sobre o caos que se encontra a sociedade.

O personagem escritor cego não deixar de escrever e remete a escrita como resgate da memória. É ele que registra os acontecimentos ocorridos e garante a permanência deles.

As condições higiênicas eram das piores. Expostos à sujeira, detritos, cadáveres, lixo e a uma existência miserável em todos os sentidos. Das atitudes precárias de vida emergem atitudes de violência e egoísmo.

A cegueira branca acomete todos, e as pessoas reduzem-se a meros seres lutando por suas necessidades básicas, expondo seus instintos primários. Uns passam a confiar nos outros, enquanto outros se transformam em animais cruéis, preocupados apenas em saciar seus apetites mais primitivos. Os cegos sobreviviam como nômades, instalando-se em lojas, casas e carros abandonados.

Em fevereiro de 2008, estreou nos palcos a versão teatral do livro e em setembro do mesmo ano, é lançado o filme “Ensaio sobre a Cegueira”, adaptação do cineasta brasileiro Fernando Meirelles.

8 - A Cegueira sobre os Personagens do Livro

A obra critica os valores sociais, revelando-os frágeis, ou seja, quando ninguém vê, é como se nada aparecesse. Dessa forma, os valores morais ou materiais são atribuições dadas pelo homem. A imundície que toma conta da cidade não é vista.

Os personagens da narrativa não têm nomes, apenas são descritas suas características como: o primeiro cego, a mulher do primeiro cego, o médico, a mulher do médico, a moça de óculos escuros, o menino estrábico, o velho com uma venda preta num dos olhos, entre outros.

A sociedade, ao não estar preparada para a quarentena, ao ser tudo improvisado para garantir o isolamento dos doentes, revela sua fragilidade em lidar com uma situação nova. Este fato acaba por evidenciar o desmoronamento do sistema de saúde e em geral da própria sociedade.

A narrativa permite uma reflexão sobre a moral, os costumes, a ética e o preconceito. Passamos a ver o quanto estamos cegos em relação ao outro e a nós mesmos. A cegueira é física, mas nos remete a uma cegueira que impossibilita ver o outro, enxergamos apenas o que queremos. Temos o dom da visão, mas utilizamos para ver aquilo que desejamos ver. Muitas vezes fingimos que não enxergamos o que está a nossa volta.

Para Comte-Sponville (2005), com base na Ordem da Moral definida por Kant, a moral é o conjunto dos nossos deveres (obrigações ou proibições) que impomos a nós mesmos, independentemente de qualquer recompensa. A ordem ética é tudo o que se faz por amor: amor à verdade, à liberdade e à humanidade. O amor intervém em todos os setores como motivação para o sujeito. Inventou-se o direito para as relações objetivas e a polidez, para as relações subjetivas. O direito e a polidez imitam a moral. Quando se age por amor, temos ética e quando sequer simulamos, acontece a barbárie.

Em complemento, com base no que diz Raz (2004), o respeito para com as pessoas é um dever moral.

A ética só pode derivar de nossa vontade.

Segundo Comte-Sponville (2005), não basta a riqueza para fazer uma civilização, uma sociedade humana. É preciso o direito, a política, a moral, o amor e a espiritualidade. Para ele, barbárie é o contrário de civilização. O bárbaro é o cruel ou o violento, que não reconhece nenhum valor superior. Conclui então, que não é a moral que dá sentido à vida, é o amor. E na medida em que nós amamos a vida, que nossa vida adquire sentido.

A epidemia da cegueira faz com que as pessoas exponham cada vez mais seus instintos primitivos. Formam-se grupos diferentes, que passam a comandar o acesso à comida, em troca, primeiramente, de objetos de valor e depois de mulheres que devem fazer sexo forçado com homens de outros grupos.

De acordo com Giddens (1996), uma forma de enfrentar a diferença cultural ou individual é por meio de diálogo ou uso da força ou da violência. O “fundamentalismo de gênero” que os homens nutrem em relação às mulheres em geral pode ser transformado por meio de maior auto-entendimento e comunicação. O diálogo é uma força que substitui o uso da violência pela conversa.

Para Giddens (1996), a violência é decorrente de choques de interesse e lutas pelo poder. Para ele, o fundamentalismo é a tradição defendida de maneira tradicional, que não se limita à esfera da religião, pode ser de gênero e de etnicidade e surge nos lugares nos quais as tradições estejam ameaçadas em reação às novas circunstâncias da comunicação global.

A cidade se torna desconhecida, repleta de imundície.

A esperança de uma cura lhes parece cada vez mais distante.

Pelo livro, vemos de um lado, o caos completo da sociedade, que perde tudo aquilo que considera civilizado e de outro lado, um grupo de pessoas que tenta reencontrar a humanidade perdida, ao serem obrigadas a confiar umas nas outras, quando sabem que não mais podem ver.

Representa um registro da sobrevivência física das multidões cegas, do interior emocional e da dignidade que tentam manter do mundo desse pequeno grupo.

Como decorrência de tudo o que aqui foi colocado, fica a certeza de que mais que olhar o outro, importa reparar no outro. Assim, o homem se humaniza novamente.

9 - Impressões do Leitor

É um livro que o leitor sofre ao ler, em virtude das situações que vão ocorrendo num efeito “dominó”. Ele prende a leitura, pois em conjunto com os personagens, torcemos para que o pior não ocorra e ficamos maravilhados pela humanidade que há em muitas partes do livro.

Somos levados pelos olhos da personagem principal (a mulher do médico), a enfrentarmos em alguns momentos situações de horror, de constante aflição e em outros, sentimentos de carinho, amizade e acima de tudo, solidariedade.

É necessário revermos os valores do homem para com a sociedade.

Sensibilizar o homem moderno pressupõe colocar novos óculos para passarmos a reparar no próximo.

Mais que um livro contando uma estória, temos uma riqueza imensa de possibilidades de repensarmos no papel do ser humano na sociedade atual.

10 - Sobre José Saramago

Morreu em 18 de junho de 2010, aos 87 anos, o escritor português José Saramago, único autor do idioma a conquistar o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Entre suas obras mais famosas estão “A Jangada de Pedra” (1986) e “Ensaio sobre a Cegueira” (1995).

Como escritor era imaginativo, crítico e polêmico, criticava todo tipo de injustiça.

Grande romancista, ele defendia suas ideias por meio da melhor literatura de ficção, que nos prende com suas histórias envolventes e nos faz refletir sobre a história passada e a sociedade atual.

As obras de Saramago nos dão uma imagem sombria da sociedade e abre os olhos dos leitores para uma possível mudança do estado atual do mundo.

Seus livros são marcados pelos períodos longos e pela ausência de pontuação, parágrafos ou aspas. Tinha um estilo particular. Utilizava construções linguísticas com uso de letras minúsculas e maiúsculas. A edição brasileira apresenta o mesmo texto da edição portuguesa, pois não permitia que seus textos fossem vertidos para o Português do Brasil. As falas entre vírgulas forçam o leitor a continuar lendo, pois é impossível parar em meio as ideias do escritor.

Encanta com a fluidez de seus textos, sempre entremeados por reflexões fortemente humanistas e solidárias. Exercitava com primor a prática de algumas das maiores faculdades humanas, a de imaginar e de narrar.

Ele soube das necessidades do homem contemporâneo. Com ativa intervenção e participação social, deu uma visão muito própria da realidade.

Seu mérito consistiu em aglutinar qualidade formal ao conteúdo do texto, um bom escritor com muito a dizer.

De origem humilde, nunca frequentou uma universidade, escolheu a literatura e seus romances abordam reflexões sobre alguns dos principais problemas do ser humano. Fazem o leitor pensar, comovem. Seus personagens estão cheios de dignidade.

Segundo a Academia Sueca, responsável pela atribuição do prêmio, Saramago o recebeu por uma obra que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna compreensível uma realidade ilusória.

Escritor português assinou uma vasta obra editada em mais de três dezenas de países. Em seus 38 livros publicados, 16 de ficção, soube criar histórias em que figuravam a esperança da luta do homem pela liberdade.

Educar para a paz implica ensinar a reconhecer o outro, a escutar os seus argumentos, a entender as suas limitações, a negociar com ele e a chegar a acordos.

Considerado um dos maiores nomes da literatura mundial contemporânea, se pronunciou sempre sobre os grandes confrontos políticos da nossa época e denunciou injustiças sociais.

Defendeu uma visão humanista de um futuro que viesse salvar a humanidade.

Autodidata, antes de se dedicar com exclusividade à literatura, trabalhou como serralheiro, mecânico, desenhista industrial e gerente de produção numa editora. Foi também cronista, poeta, contista, dramaturgo, jornalista e crítico literário.

As suas parábolas deixam a crença de que é possível um mundo melhor. Perdeu-se uma referência luminosa de dignidade e grandeza. Alguns dos temas presentes na obra de Saramago: os grandes problemas metafísicos, realidade e aparência, natureza e esperança, e como são as coisas quando não as estamos olhando.

11 - Refletindo sobre os Acontecimentos

Cada um dos cegos é um estranho em relação aos outros. Ele está próximo deles, mas não os vê. Ele os toca, mas não os sente. O livro mostra o pior do ser humano quando pode agir sem ser visto. O respeito ao próximo é um valor moral que pertence ao domínio da consciência.

Vivemos um tempo no qual, cada vez mais, somos obrigados a refletir sobre nossas atitudes e comportamentos e os dos outros também.

A ética fixa um dever, uma obrigação, um compromisso fundamentado no próprio ser do homem, ou seja, é da sua natureza que surge a origem do seu comportamento.

Tomamos diferentes atitudes para favorecer as nossas relações pessoais, tendo em vista a preservação da nossa integridade, alcançando no decorrer de nossa existência mais benefícios.

A sociedade atual se estrutura em função do mercado e dos interesses privados, com uma cultura humana baseada no consumo individual que oferece uma vida moral inadequada, sem qualquer solidariedade, apenas a defesa do interesse próprio.

Há uma necessidade urgente de dar novo valor à vida. A busca do homem pelo reencontro com suas origens naturais, com o Divino através do outro, parece ser o caminho. As relações humanas passam a ser repensadas. Os valores como a justiça, família e religião parecem ser a solução para que se reorganize a ordem. Palavras como comprometimento e solidariedade voltam a ocupar a ordem do dia.

12 - Considerações Finais

O livro retrata a transformação do homem em animal que só vive para saciar seus apetites mais primitivos.

O medo do contágio dos que veem faz com que os cegos sejam trancafiados em um sanatório abandonado, em condições desumanas, obrigando-os a acostumarem-se com as novas regras e hierarquias. Eles precisam aprender a sobreviver e a superar as limitações, não apenas de não enxergar, mas de conviver com o racionamento de comida. São os limites do ser humano.

Vivemos um tempo no qual, cada vez mais, somos obrigados a refletir sobre nossas atitudes e comportamentos e os dos outros também.

A ética fixa um dever, uma obrigação, um compromisso fundamentado no próprio ser do homem, ou seja, é da sua natureza que surge a origem do seu comportamento.

Tomamos diferentes atitudes para favorecer as nossas relações pessoais, tendo em vista a preservação da nossa integridade, alcançando no decorrer de nossa existência mais benefícios.

Enquanto uns propõem a igualdade de direitos e deveres entre todos (justiça); outros creem que podem governar pela força e humilham os restantes. Trata-se da anarquia em seu pior estado – o selvagem.

O tema escolhido mostra o colapso da sociedade, ao mesmo tempo em que há uma denúncia da manipulação, da miséria e da precariedade da sociedade contemporânea.

Quando o homem se vê sem as facilidades modernas, ele se torna um bicho, em busca de atender suas necessidades básicas como: comida, bebida e sexo.

O ocorrido, numa cidade não identificada, com personagens sem nomes, sem época demarcada e com uma misteriosa epidemia que vai deixando todos cegos, constitui-se numa metáfora do mundo de hoje.

Trata-se da degenerescência da alma humana nos tempos modernos.

A metáfora, enquanto um modo de raciocinar, permite uma maneira de ver o mundo. O escritor manifesta a ideia que tem sobre as coisas e as pessoas, e revela as relações existentes entre elas. Assim, através da compreensão da metáfora do livro é possível ver o sentido que as mesmas dão ao desenrolar da estória.

Você lê o jornal, fica sabendo dos fatos mais terríveis e violentos que ocorrem no mundo, mas continua vivendo. A negação faz parte do ser humano, mas devemos olhar para o problema e reconhecê-lo.

Percebemos que as mulheres conseguem suportar melhor a dor e as privações do que os homens.

A esposa do médico é a única que tendo a visão, aguenta com força e elegância o mundo em pânico e a degradação humana.

Apesar das privações e humilhações sofridas, ainda é possível encontrar uma maneira de ter alegria. Prova assim, que ainda somos seres humanos.

Ocorreu o impacto negativo vivenciado pelas situações de horror vividas pelos personagens e ao mesmo tempo, um impacto positivo derivado do resgate da solidariedade exercida em alguns momentos do livro.

As instituições do estado são necessárias, como forma de viabilizar o acesso de todos aos sistemas de saúde, educação e justiça.

Portanto, ao ler o livro e ter conhecimento sobre a estória vivida pelos personagens, percebemos as metáforas e a dimensão do que o escritor tentou transmitir e principalmente, nos alertar.

Com o estudo realizado, pretendeu-se permitir um novo olhar sobre a obra em análise e fazer com que a mensagem principal tenha sentido.

13 - Referências Bibliográficas

BENDA, Julien. O pensamento vivo de Kant; O pensamento vivo de Schopenhauer. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

BRAGON, Ranier. Especial José Saramago. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 jun. 2010, Especial, p.1-8.

COMTE-SPONVILLE, André. “**O Capitalismo é moral?**” Sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita:** o futuro da política radical. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GIRON, Luís Antônio. Em memória José Saramago - Mestre da língua portuguesa, comunista hormonal. Revista Época, 21 jun. 2010, p.91.

RAZ, Joseph. Valor, respeito e apego. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. 52 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.